

HELOÏZA



Amor carum suu mat, e sua desgracia

Carvif

400

CARTA
DE
HELOISA
A
ABAEVARDO.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1819.

Com Licença.

1. The first part of the report...

2. The second part of the report...

3. The third part of the report...

4. The fourth part of the report...

5. The fifth part of the report...

6. The sixth part of the report...

7. The seventh part of the report...

8. The eighth part of the report...

9. The ninth part of the report...

10. The tenth part of the report...

11. The eleventh part of the report...

12. The twelfth part of the report...

13. The thirteenth part of the report...

14. The fourteenth part of the report...

15. The fifteenth part of the report...

16. The sixteenth part of the report...

17. The seventeenth part of the report...

18. The eighteenth part of the report...

19. The nineteenth part of the report...

20. The twentieth part of the report...

21. The twenty-first part of the report...

22. The twenty-second part of the report...

23. The twenty-third part of the report...

24. The twenty-fourth part of the report...

25. The twenty-fifth part of the report...

ADVERTENCIA.

ABaelardo, e HELOISA,
viverão em o duodecimo se-
culo. Estas duas pessoas fo-
rão as mais distinctas da seu
tempo pelas luzes de seu spi-
rito, e graças de sua figura;
mas nada as fez mais céle-
bres, que sua paixão desa-
fortunada. Depois de huma
longa continuação de desgra-
ças, estas se retirarão cada
huma em seu Convento, onde
consagrarão o resto de seus
dias em exercicios de Reli-
gião.

Foi algum tempo depois
de sua separação, que huma
Carta de Abaelardo dirigida
a hum de seus amigos, e que

continha a historia de suas desgraças , veio a cahir , por casualidade , em as mãos de Heloisa. Esta narração des- pertou toda a sua ternura , e deo occasião a estas formosas Cartas , que pintão tão viva- mente os combates da natu- reza , e da graça : esta pois he imitada , e em parte tran- scripta.

CARTA.

NESTE pacífico, e solitario retiro, morada onde a contemplação volta constantemente suas vistas para o Ceo: lugar onde reina hum silencio tão profundo, que movimentos tumultuosos se não levantão em o peito de huma Vestal! Porque razão meus pensamentos se atrevem a sahir deste retiro sagrado? Que motivo tem meu coração para sen-

tir ardentes desejos ha tanto tempo esquecidos? Ah, que eu amo ainda!

Sim, esta Carta vem do mesmo objecto, que torna a inquietar meu espirito; he este o nome de Abaelardo, que Heloisa deve beijar ainda huma vez. Nome querido, e fatal! eu não quero mais pronunciar-te. Não passes sobre estes beijos, que a religião tem consagrado ao silencio. Fica para sempre encerrado em meu coração; onde a idéa muito querida de Abaelardo se confunde com a de Deus.

O' minha mão, demora-te, não formes este nome . . . ; mas eu venho de o escrever . . . desfazei-o vós, minhas lagrimas. Em vão a desgraçada Heloisa tem recorrido ás lagrimas,

e á oração, seu coração he
o que dicta, sua mão lhe obedecce.

O' muros, que em vossos
sombrios retiros encerrais tor-
mentos voluntarios, e retenís
de suspiros de penitencia; ro-
chedos, que piedosos joelhos
tem cavado; cavernas escabro-
sas, e cubertas de espinhos;
altares onde as Virgens com
o semblante pállido véllão sem
cessar; estatuas dos Santos;
que me ensinais a chorar mi-
nhas desordens, vossa vista,
e meu longo silencio me não
tem feito insensivel como vós.
Debalde o Céo me chama a
si; em quanto eu óro, a natu-
reza sempre rebelde occupa
metade de meu coração; mi-
nhas orações, meus jejuns,
minhas lagrimas, não podem

extinguir, nem ao menos enfraquecer o fogo que me devora.

Logo que minha trémula mão teve aberto tua carta, ó meu querido Abaelardo, teu nome se offerece a meus olhos, e desperta em mim o sentimento de todas as minhas desgraças: nome sempre desafortunado, sempre querido, que meus suspiros repetem sem cessar, e que eu orvalho ainda de minhas lagrimas. Eu temo todas as vezes que encontro o meu, segura de que qualquer infortunio o seguirá de perto: meus olhos nadando em lagrimas examinão tua carta de linha em linha, e não encontrão até o fim senão huma narração de continuas desgraças. Já eu me vejo ardendo de amor

o mais terno ; já murcha em a flor da idade pela barbaridade da sorte ; em fim perdida em a obscura solidão de hum Convento, onde a austéra religião deve extinguir a chamma a mais viva. Aqui devem morrer as mais nobres paixões, o amor, e a gloria.

Escreve-me pois, querido Abaelardo, e communica-me tudo isto, que teu coração sente ainda, que eu unirei minhas dores ás tuas, e te darei suspiros por suspiros; esta consolação não me pode ser tirada, nem pela fortuna, nem por nossos inimigos; e o meu Abaelardo será mais cruel que elles!

Eu só disponho de minhas lagrimas, eu não as pouparei. Eu darei ao amor aquellas, que

deveria derramar em a oração : estes olhos amortecidos nada melhor tem a fazer . . . ler, e chorar será sua occupação eterna. Divide comigo tuas penas, concede-me esta triste consolação;faze-me ainda mais, lança-as todas sobre mim.

O Ceo não inspirou a invenção das cartas senão para consolação dos desgraçados ; para qualquer amante abandonado , ou huma amante cativa. Ellas vivem , fallão , e exprimem isto , que o amor tem de mais terno : por este meio os desejos de hum novo coração se communicão sem temor: a mesma alma se descobre toda inteira aos olhos do objecto amado: a ausencia he enganada , e franqueando a distancia dos lugares , faz com

que hum suspiro passe da Linha até ao Pólo.

Tu sabes, com que innocência eu hia então diante de teu amor, que se encobria de baixo do nome de amizade: minha imaginação te dava huma fórmá angelica, teus olhos brilhavão de huma doce chama, igual a hum resplendor celeste. Eu julgava, que te podia admirar sem receio, e amar-te sem remorsos. Quando tu cantavas os louvores do Senhor, os Ceos me parecião attentos aos accentos de tuas vozes; e quando tu annunciavas as verdades Divinas, me parecia, que então se fazião mais bellas porque passavão por tua boca.

Que preceitos poderião deixar de persuadir, quando tu

os davas! Tu me ensinaste muito facilmente, que amar não era crime. Bem depressa eu me abandonei á seducção de meus sentidos; e não desejei mais ver como Anjo, aquelle que eu amava como homem. Eu não vi desde então, que em hum longe obscuro, a felicidade dos Espiritos Celestes, e deixei de lhes invejar o Ceo, que eu perdia por ti.

Quantas vezes, ai de mim! dizia eu em mim mesma, quando meus Pais me obrigavão a escolher hum esposo: Ah! eu tenho por crueis todas as Leis, que amor não tem dictado! O amor, tão livre como hum habitante do ár, á vista dos laços do Hymeneo estende suas azas ligeiras, e desapparece

em hum instante. Veja-se muito embora, que as riquezas, e as honras tem completo os desejos daquelle, que consente sujeitar-se ao jugo de hum casamento; que seu nome seja respeitado, e sua reputação sem mancha; succeda isto muito embora; porém todas estas apparencias de felicidade se desvanecem diante de huma verdadeira paixão d'amor. Este Deos zeloso em se vendo desprezado, então inspira por vingança paixões desinquietaes aos mortaes, que profanão seus fogos, e procurão nelle outra felicidade, que não seja elle mesmo.

Quando eu visse cair aos meus pés o Senhor do mundo, e que elle me offercesse seu Thorono, e o Universo, eu

desprozaria seus presentes. Eu não quereria ser a mulher de Cesar, e me contentaria sómente da felicidade de ser Senhora daquelle, a quem eu amo; e se ainda ha hum titulo mais livre, e mais doce, eu o tomaria para elle só. Que delicias, quando duas almas unidas huma á outra se amão livremente, e não conhecem outra Lei, senão aquella da natureza! Hum só objecto enche então o coração todo inteiro; elle possui, e he possuido. As idéas de dous amantes são as mesmas; e se encontram antes que seus beijos se tenham aberto; e os mesmos desejos se estão lendo em suas vistas. He aqui que consiste huma felicidade perfeita; e tal era em outro tempo a de Abaelardo, e a minha.

Ai de mim ! Quanto nossa
 sorte se tem mudado ! Que
 horrores se representam de re-
 pente em minha imaginação !
 Que vejo eu ! Meu amante nú,
 prezo , e cuberto de sangue
 se apresenta a meus olhos . . .
 Onde estava Heloisa neste
 momento terrível ! Seus gri-
 tos , seus esforços se terião
 opposto a estes horrores. Bar-
 baros , suspendei-vos . . . re-
 tende vossa mão sanguinolenta ;
 voltai vossa colera contra
 mim só ; ou ao menos , pois
 que nós ambos temos commet-
 tido o mesmo crime , ambos
 sejamos castigados . . . a dor
 me opprime , e me perturba . . .
 por piedade , por pejo cessai . . .
 meus suspiros continuados , e
 minha vermelhidão ardente ,
 me tirão a força de acabar .

Poderias tu ter esquecido este triste dia , e solemne , em o qual como duas victimas , que esperão o golpe fatal , nós estavamos ao pé dos Altares ? Que lagrimas corrião de meus olhos nestes crueis tormentos ! Em a flor da mocidade eu dizia hum eterno a Deos ao mundo , eu beijava o véo sagrado com os beijos gelados de horror. Os Altares tremêrão ; as luzes perdêrão sua vivacidade ; o Ceo apenas acreditou a conquista que elle fazia ; os Anjos ouvirão com espanto os votos que eu pronunciava. Eu encaminhei meus passos para este tremendo Sanctuario : não era sobre a cruz , que meus olhos estavam fixos , mas sobre ti só. O zelo da religião , nem a graça , não

fazão minha vocação: isto era hum amor desgraçado, e eu não me perdia assim toda inteira, senão porque perdia meu amante.

Vem pois, e mitiga minhas dores com tuas vistas, e teus discursos, que para isso toda a liberdade se te tem deixando. Consente, que minha cabeça repouse sobre teu peito; que eu beba a longos tragos, o delicioso veneno que tenho tomado em teus olhos; que eu ache este veneno sobre teus beijos. Dá-me o que pódés, e deixa-me imaginar o resto.

Mas não, estes pensamentos criminosos se desvanecem para sempre. Vem antes instruir-me de meu dever, e falar-me de felicidades mais duraveis. Faze-me abrir os olhos;

pinta-me todo o esplendor da Gloria Celeste e faz com que minha alma te esqueça por teu Deos.

Se tu te recusas a meus votos, pensa ao menos, que minhas fiéis companheiras merecem teus cuidados. Este rebanho he teu: são estas plantas cultivadas por tuas mãos, e filhas de tuas orações. Ellas tem deixado este mundo enganador em huma terra moçidade, e tu foste o mesmo, que as conduziste a este pacifico retiro (1) de que tinhas levantado os muros sagrados. Por ti, este deserto foi embellecido, e o Paraizo parece aberto nesta terrivel solidão. Aqui nenhum orfão chorando

(1) Elle tinha fundado este Mosteiro.

vê os thesouros de seu Pai or-
nando Altares , nem enrique-
cendo as entradas deste Tem-
plo;ahi se não notão nem
quadros magnificos , nem esta-
tuas preciosas , dadas pelos
peccadores morrendo: tributo
de hum cego desejo de ganhar
o Ceo perdido sem duvida
pelos meios empregados para
o obter. As abóbadas deste
Santo Edificio são tão simples,
como a piedade , que nellas
habita; em que são melhor
os louvores do Creador.

Se tu te transportasses a
este retiro solitario onde de-
vemos passar nossos dias; se
tu viesses assistir debaixo des-
tes tetos coroados de pira-
mides, cujas abóbadas respei-
taveis serão cercadas de hu-
ma noite eterna , sem as vi-

draças obscuras, que apenas deixão passar alguns fracos raios de luz; teus olhos dissiparão estas negras trévas, e resplendores de gloria brilharião ao redor de ti: mas presentemente nenhum objecto consolante ahi se offerece; tudo está em huma profunda tristeza: ahi só se ouvem gemidos, ahi se não vê correr senão copiosas lagrimas.

Vem pois, ó meu pai, meu irmão, meu esposo, meu amigo, que tua escrava, tua irmã, tua filha possa ainda em favor de todos estes nomes excitar tua piedade por ella. Nada com mais facilidade me conduziria á meditação, nem faria socegar meus desejos inquietos: eu não sou penetra-

da deste prazer simplez, e attractivo que nos offerece o espectáculo da natureza: estes pinheiros plantados sobre a inclinação dos rochedos, e cujos ramos sombrios surdamente se agitam com o vento; estes regatos, que correm atravessadamente, e se precipitam das montanhas; estas agoas, que fazem retenir com murmurio as grutas profundas; estes lagos, cuja superficie se altera com o assopro dos ventos; todos estes objectos em outro tempo, de tanto encanto para mim, hoje me não procurão algum repouso; e me deixão em preza a todos os meus desassocegos. A negra melancolia habita estes bosques, estas cavernas, e estas abóbadas, que só cobrem

sepulturas. Ella espalha ao redor de si hum silencio mortal; sua presença lugubre afflige esta scena, em outro tempo tão risonha; murchia o esplendor das flores; obscurece a verdura, e faz terrivel o ruido das agoas que se precipitão! Não se sente por toda a parte senão hum profundo horror, Eu devo aqui ficar para sempre; monumento triste, e fatal da obediencia de hum amante! A morte a morte só póde romper a cadêa que me prende: então eu ahi deixarei todas as minhas fraquezas, e eu sentirei extinguirse meu ardor: minhas cinzas frias ahi serão depositadas; e eu esperarei que me seja permittido misturallas com astuas.

Ah desgraçada! Julgão-te

esposa de hum Deos, e tu não és ainda senão a escrava de amor, e de hum homem. Oh Ceo! Digna-te soccorrer-me. Mas donde parte esta supplica? vem ella por ventura de hum movimento de piedade, ou de desesperação? Que! Neste mesmo lugar, asylo da castidade, o amor acha ainda hum altar onde ardão seus fógos culpaveis? Eu devo arrepender-me; porém posso eu fazer o que devo? O amante me afflige; e eu não me envergonho do crime: eu vejo este crime, eu o detesto, e o amo ainda em o condemnando. Eu óro arrependida dos prazeres a que me tinha entregue; porém eu os procuro novos. Humas vezes com os olhos levantados para o Ceo,

eu choro minha culpa; outras vezes eu não penso mais do que em ti, e renuncio á innocencia, a que eu julgava aspirar.

Poderia eu esquecer-te, e aborrecer minha fraqueza? A causa disto em mim sempre existe. Logo que eu o pertendo destruir, eu me sinto ainda amar o seu author. Como se poderá separar do crime o objecto, que tanto se ama? O amor, e arrependimento se confundem sempre.

Que empresa para hum coração tão penetrado, e tão consternado como o meu! Que! vencer huma paixão tão poderosa! Antes que minha alma tenha recuperado sua tranquillidade, a que combatentes entre amor, e o dever se

não vê ella sujeita? Quantas vezes deve ella arrepende-se, tornar a cahir, detestar seu amante, desdenhallo, fazer tudo o mais, excepto esquecerello? Mas não, tudo isto está feito; eu não tenho mais nada a temer, tudo está consummado. Vem pois, meu Pai, vem ensinar-me a vencer a natureza, a renunciar meu amor, a minha vida, a mim . . . e a ti mesmo. Enche meu coração de Deos: elle só poderá ter o teu lugar.

Ah! mil vezes feliz o destino de huma virgem, que se tem consagrado a elle. Ella esquece-se do mundo, que a tem esquecido; ella goza as doçuras de huma paz profunda; e sua humilde resignação faz que todos os seus votos

sejão satisfeitos. O trabalho, e repouso enchem seus dias, hum somno socegado lhe deixa a liberdade de velar, e de orar. Seus dias são regulados, e suas afeições sempre as mesmas: suas lagrimas fazem suas delicias, e suas orações penetração os Ceos: os resplendores da graça a cercão sem cessar: os Anjos, que estão velando ao redor della durante seu somno, lhe procurão os sonhos os mais doces, e os mais puros: para ella o esposo prepara o anel nupcial. Virgens vestidas de branco cantão Hymnos em sua honra: as azas dos Serafins espalhão sobre ella os perfumes mais exquisitos. Ella morre em fim ao som de instrumentos celestes, e espira á

vista da felicidade, que a espera.

Outros sonhos, e transportes bem differentes engañão a minha alma pouco segura. Quando ao fim de cada triste dia minha imaginação te representa tal como eu te tenho conhecido, então minha consciencia se cala; e deixando fallar a natureza, meu coração todo inteiro torna a ti. Eu detesto, e eu amo com tudo a lembrança desta noite onde meus primeiros favores . . . Eu te ouço, eu te vejo; minhas mãos diligentes abração tua sombra para retella. Eu desperto, e não vejo, nem ouço mais nada. A sombra me foi tão cruel como tu mesmo: eu a torno a chamar, e não sou ouvida; eu estendo meus

braços, e não encontro senão
 huma sombra fugitiva : Eu
 torno a fechar os olhos per-
 suadida continuaria a gozar
 deste sonho encantador : tor-
 nai, doces illusões, sonhos en-
 ganadores . . . Ah ! debalde
 eu te torno a vêr ; porém is-
 to he só para andar errante
 contigo em ardentes desertos,
 e para chorar nossas desgra-
 ças.

De repente eu te vejo su-
 bir sobre huma torre ametade
 arruinada pelo tempo, e ao
 redor da qual se arrasta a tris-
 te hera ; ou sobre rochedos,
 cuja soberba eminencia está
 suspensa sobre o mar. Lá tu
 me pareces fallar do alto dos
 Ceos ; porém as nuvens nos
 sepáráo, as ondas se embra-
 vecem, e os ventos furiosos

soão com estrondo. Eu tremeo de horror; o somno me deixa de repente, e me torno a achar no meio de tristes objectos que me cercão sempre, e cheia de tormentos que me seguem por toda a parte.

O destino tem mitigado seu rigor a teu respeito com huma mistura de bondade: elle não tem reduzido senão a huma ausencia insensivel aos prazeres, e ás penas. Tua vida goza de huma paz profunda; nenhuma paixão agita teu coração: semelhante presentemente ao amor, antes que os ventos tempestuosos inquietem suas ondas, teu estado he bem pacifico, e semelhante ao somno de hum santo, que tem conseguido perdão de seus peccados, e para cuja salvação nada se espera.

Vem pois, querido Abaelardo: que terás tu a temer? A tocha do amor não árde para ti. A natureza guarda silencio, a Religião ameaça, e a fria indiferença reina em teu coração. Com tudo Heloisa te ama ainda. Oh chamma para sempre inextinguivel, e sem esperanza! semelhante ás lampadas sepulchraes, que communicão aos tumulos hum calor inutil, e que só ardem para esclarecer os mortos!

Que novas scenas se vem ainda offerêcer ás minhas vistas! Por toda a parte aonde eu volto meus olhos, por toda a parte por onde eu encaminho meus passos, estas queridas, e perigosas imagens me acompanhão. Seja, que eu chore sobre as sepulturas, seja,

que eu óre ao pé dos Altares, ellas encantão meus olhos, e perturbão meus sentidos. Tua imagem está sempre em o meu coração, entre mim, e o Ceo: se eu ouço cantar hum Hymno, me persuado reconhecer tua voz, e então cada palavra de minhas orações he acompanhada de lagrimas. Em quanto nuvens de incenso se levantão em o ar, e que os órgãos encham os ouvidos de sons harmoniosos, hum só pensamento, que te retrata a meu espirito, me conduz a ti, e destroe toda esta pompa. Padres, luzes, templo, tudo se desvanece para mim; e ao mesmo tempo que os Altares se esclarecem de mil fógos, e que os Anjos que os cercão estão preocupados de hum santo re-

speito, eu me acho nadando em hum amor de paixões ardentes.

Mas ao tempo, que gostosa de verter lagrimas de penitencia, eu me prostar diante do Throno de Deos; ao tempo, que eu invoco este Deos com o mais humilde fervor, e que huma graça victoriosa está prompta a descer em minha alma, vem, se te atreves, todo attractivo como tu me parece, oppor-te aos decretos do Ceo. Disputa-lhe meu coração: vem com tuas vistas enganadoras apagar a meus olhos a imagem das felicidades celestes; faze suspender as torrentes da graça, e fórma meu arrependimento infructifero. Aparta-me do caminho dos Ceos: vem; e arranca-me dos braços do mesmo Deos.

Que digo eu! desgraçada!
 Aparta-te antes de meus olhos,
 foge-me: montanhas se levantan-
 tem entre nós, e mares nos
 separem para sempre: não ve-
 nhas mais; não me falles; nem
 em mim penses; e sobre tudo
 não participes de alguns dos
 tormentos, que eu sinto por
 ti. Eu desobriço Abaelardo do
 juramento de fidelidade. Tra-
 balhe elle pois a detestan tu-
 do aquillo, que me póde dizer
 respeito. Vistas enganadoras,
 de que eu ainda bem me lem-
 bro; doces idéas, em que eu
 tinha tanta complacencia, de
 vós me despeço para sempre.
 E tu, graça divina, virtude ce-
 leste, pacifico esquecimento
 dos cuidados deste mundo pro-
 fano, esperança sempre renas-
 cente, filha do Ceo, e mãe da

alegria ; Fé , que fazes gozar de huma immortalidade anticipada , vinde , entrai todas em meu coração , e nelle fazei huma eterna morada como hospedes deliciosos , e amáveis : recebei-me , tomai conta de mim , e fazei-me gozar de hum descanso inalteravel. A triste Heloisa vos deseja , e vos espera. Que ouço eu ! He isto o assopro dos ventos que soão ao redor de mim , ou huma voz que retine em volta destes muros , e que me chama ? Ella me não he estranha.

Huma noite, que eu guardava as alampadas , que ardem neste Templo ao redor dos sepulcros , no momento que ellas estavam promptas a extinguir-se , se me representou hu-

ma voz lugubre , que sahia do
 fundo de huma sepultura :
 „ Vem , triste Irmã , me dizia
 „ ella , teu lugar he este , vem
 „ nelle fixar tua morada eter-
 „ na. Eu fui em outro tempo ,
 „ como tu , victima de amor :
 „ eu tremia , e de meus olhos
 „ corrião copiosas lagrimas :
 „ eu orava como tu ; porém eu
 „ não tenho achado algum so-
 „ cego senão neste somno pro-
 „ fundo. Aqui os desgraça-
 „ dos cessão de se queixar ,
 „ e os amantes enxugão suas
 „ lagrimas : a mesma supersti-
 „ ção aqui perde todos os seus
 „ temores ; pois Deos , mais
 „ indulgente , que os homens ,
 „ nos perdoa nossas fraque-
 „ zas. „

Eu vou. Os Anjos me pre-
 parem seus berços odoriferos ,

suas palmas celestes, e suas flores sempre novas. Eu vou ao lugar onde os peccadores podem achar descanso, e os Santos só experimentão hum fogo puro, e celeste. Querido Abaelardo, dá-me os ultimos deveres: adoga-me a passagem deste mundo para o seio de Deus: observa meus trémulos beijos, e fecha meus olhos já immoveis, e recebe o meu ultimo suspiro. Não, não, não te veja antes revestido das Vestes Sagradas com huma véla na mão tremendo. Apresenta-me a Cruz diante de meus olhos levantados para o Ceo: ensina-me, e ao mesmo tempo aprende de mim a morrer. Repara então nesta triste Heloisa, que tu tens tanto amado, e esta vista será para

ti hum crime. Vê desapare-
 cer o rosado de minha côr,
 e a ultima faisca da vida ex-
 tinguir-se em meus olhos: toma
 minha mão, e aperta-a até
 que, perdendo de todo o sen-
 timento, eu cesse de respirar.
 Quanto tu és eloquente, ó
 morte! Só tu podes fazer sen-
 tir a loucura de huma paixão,
 que só tem por objecto hum
 pouco de pó. Virá tempo em
 que estas deliçõs, que tanto
 poder tem tido sobre ti,
 serão extinctas. Praza ao Ceo,
 que as penas que faz soffrer a
 passagem horrível da vida á
 morte, sejam suspensas a teu
 respeito por transportes celes-
 tes! Anjos esclarecidos desçam
 do Ceo, e voltem ao redor
 de ti. Resplendores de gloria
 partão dos Ceos abertos! Os

Bemaventurados se adiantem para te receberem, e te abraçam com huma ternura igual á minha! Huma mesma sepultura venha a unir nossos nomes, e faça meu amor tão immortal como tua fama! Então, se nos seculos futuros dous amantes viajando vierem por casualidade visitar estes lugares, elles inclinarão suas cabeças, chegando-se hum ao outro para lerem a inscripção do nosso sepulcro; e bebendo mutuamente as lagrimas que correm de seus olhos, dirão tocados da mais viva ternura: Ah! quanto elles se amarão e quanto forão desgraçados! Choremos sobre sua sepultura, e não amemos como elles.

Aquelle, que ao mesmo momento da pompa do mais

solemne , e tremendo Sacrificio , lançar suas vistas sobre a pedra , que servir de cobertura a nossas cinzas frias , sentirá seu coração mover-se ; seu pensamento por hum instante se desviará do Ceo ; seus olhos se encherão de lagrimas ; e sua dor lhe será perdoada.

Se o destino fizesse sentir a qualquer Poeta males iguaes aos meus , e que elle fosse condemnado a chorar annos inteiros a ausencia de hum objecto querido , e pintasse sempre em sua imaginação a imagem dos encantos de que não podia tornar a gozar ; se elle tiver amado por tanto tempo , e tanto como eu , este só poderá escrever nossa funesta , e terna Historia. Aquelle só ,

que for mais sensível ás nos-
sas desgraças , mais dignamente
as poderá cantar.

F. I. M.